

DIVERSIFICAR AS EXPORTAÇÕES

Roberto Rodrigues*

Os dados de comércio internacional brasileiro de 2015 mostraram que o Brasil foi o maior exportador mundial de açúcar (para 80 países), de café verde (para 90 países), de suco de laranja (para 76 países) de soja em grão (41), carne de frango (135), e de celulose (para 59 países). Também fomos o segundo maior exportador de carne bovina (para 87 países), de milho (73), farelo de soja (67), e óleo de soja (23), fomos o terceiro colocado em algodão (para 37 países) e o quarto em carne suína (62 países). Fomos ainda os maiores exportadores de tabaco e crescendo devagar em frutas e flores. Todos estes números são de conhecimento mais ou menos geral e enchem de orgulho o produtor rural brasileiro e suas entidades de representação.

Mas em recente pronunciamento na comemoração dos 10 anos do COSAG da FIESP, o Ministro Blairo Maggi, grande conhecedor do assunto, deu outras informações que quase ninguém conhecia, e bastante preocupantes.

Por exemplo: em 2016, apenas 12 produtos agrícolas responderam por 88,3% do total das exportações do setor, que foram de 71,5 bilhões de dólares. Ainda mais: só 3 produtos (soja em grão, açúcar e carne de frango) tiveram exportação no valor de 37 bilhões de dólares, ou mais de 50% do total!

Isso mostra uma grande concentração que não é boa. Claro que demonstra a enorme competitividade destes produtos, mas por outro lado, a dependência deles não deixa de ser instigante. Precisamos, isto sim, diversificar as exportações. Mas outras revelações do Ministro preocupam um pouco mais. Por exemplo: em 2015 nosso país foi competitivo em 42% dos produtos agrícolas comercializados no mundo todo. Já a União Europeia e os Estados Unidos foram competitivos em 81% nesses produtos. Pior: não fomos competitivos em 51% enquanto a UE e os EUA só não competiram em 19% do total dos produtos comercializados. Para completar, em 7% dos produtos agrícolas que são objeto de comércio global, sequer aparecemos.

De novo, estamos dependendo de poucos produtos. E não conseguimos avanços em produtos nos quais temos grande potencial, como pescados, frutas, nozes e castanhas, bebidas, farinhas, oleaginosas (exceto soja), lácteos, legumes e raízes.

Para completar esta série de inquietações, um último dado: em 2015, como já sabemos, nossas exportações totais foram de 71,5 bilhões de dólares do agro e só importamos 10 bilhões. Sem dúvida nosso setor salvou a balança comercial nacional, uma vez que os demais setores não tiveram saldos bons, mas isso não é sustentável no longo prazo. No mesmo ano, a UE exportou 148 bi e importou 166 bilhões de dólares (deficitária) e os Estados Unidos exportaram 147 bi e importaram 145 bilhões de dólares.

Temos que importar mais, além de ganhar competitividade em setores nos quais não avançamos.

A boa notícia é que o MAPA, trabalhando em estreita cooperação com o Itamaraty e a Apex, já sabe disso. Vamos avaliar junto com o governo quais as causas de tantas questões: é o Custo Brasil (impostos, juros, logística) ou é falta

de tecnologia, ou crédito insuficiente, pouca promoção comercial? Ou será que é um pouco de cada um desses itens? O certo é que precisamos diversificar as exportações para reduzir a dependência de um número reduzido de produtos.

Vamos fazer isso!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**